

## **O SESTRO E A SINA DE BALTASAR COUTINHO: EM TORNO DO DIVIDENDO PATRIARCAL EM *AMOR DE PERDIÇÃO***

Prof. Dr. Henrique Marques Samyn  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

**RESUMO:** O artigo tenciona apresentar uma análise de Baltasar Coutinho, personagem secundário de *Amor de perdição* (1862), mais famosa obra do escritor português Camilo Castelo Branco. Aplicando o conceito de dividendo patriarcal proposto por Raewyn/Robert Connell, argumento que a trajetória de Baltasar pode ser percebida como uma defesa de privilégios masculinos em uma sociedade patriarcal; e que o conflito com Simão Botelho pode ser lido como um conflito de sujeitos masculinos que disputam o direito de possuir Teresa de Albuquerque.

**PALAVRAS-CHAVE:** Amor de perdição; Camilo Castelo Branco; masculinidade; crítica feminista; literatura portuguesa.

**ABSTRACT:** The article aims to provide an analysis of Baltasar Coutinho, minor character of *Amor de perdição* (1862), the most famous work by Portuguese writer Camilo Castelo Branco. Applying the concept of patriarchal dividend, first proposed by Raewyn/Robert Connell, I argue that Baltasar's trajectory can be seen as a defense of male privileges in a patriarchal society; and that the conflict with Simão Botelho must be read as a clash of masculine subjects that dispute the right to possess Teresa de Albuquerque.

**KEYWORDS:** Amor de perdição; Camilo Castelo Branco; masculinity; feminist criticism; Portuguese literature.

Começo justificando a proposta deste trabalho, que talvez possa parecer um arbitrário *tour de force* à luz dos trabalhos costumeiramente elaborados em torno da mais popular entre as obras da lavra camiliana: por que não debruçar-se sobre algum dos personagens da tríade que efetivamente protagoniza *Amor de perdição* – Simão Botelho, Teresa de Albuquerque ou Mariana da Cruz –, mas tecer considerações sobre Baltasar Coutinho, figura cuja trajetória denuncia o deliberado propósito de malograr os propósitos daqueles mais nobres personagens? Conquanto ciente dos riscos inerentes a uma proposta desse tipo, considero que o enfoque de um personagem secundário pode lançar alguma luz sobre aspectos menos perceptíveis, mas não menos relevantes, do universo ficcional de um escritor e dos elementos que o constituem; por outro lado, uma vez que me interessa particularmente a compreensão dos processos de subjetivação romântica no que tange à formação dos gêneros, entendo que um escrutínio sobre Baltasar Coutinho

pode explicitar que qualidades suas refletem aspectos específicos, típicos ou característicos dos sujeitos masculinos oitocentistas.

Dito isso, já de princípio se impõe como tarefa necessária o esclarecimento de uma questão: tratando-se de tecer considerações em torno da constituição da masculinidade, o que subjaz a essa pretensão crítica? Nesse sentido, importa elucidar que esse empreendimento reflexivo se alinha às perspectivas contemporâneas que, recusando quaisquer pressupostos essencialistas ou naturalizantes, reconhecem a crucial importância de uma teorização feminista que, ao problematizar e questionar os dispositivos viabilizadores da perpetuação de estruturas de poder que relegaram às mulheres posições subalternas ao longo da história, ensejaram a crítica e a desconstrução dos alicerces de uma ordem patriarcal<sup>1</sup> – embora seja necessário observar os limites desse enfoque teórico após as críticas provenientes de abordagens pós-estruturalistas, elaborando um aparato analítico adequado para investigações de cunho macro ou micropolítico.

Dentre a pleora de conceitos contemporaneamente elaborados no âmbito dos estudos em torno da masculinidade, utilizarei em particular aquele proposto por Robert/Raewyn Connell para designar “a vantagem que homens em geral ganham da subordinação global de mulheres”<sup>2</sup>, ou seja, o conceito de dividendo patriarcal – valioso para o entendimento de que, mesmo quando as configurações de masculinidade não se ajustem ao modelo hegemônico, o mero reconhecimento dos sujeitos masculinos como tais em uma sociedade patriarcal implica a ocupação de uma posição política privilegiada, com os benefícios políticos correspondentes. De outro lado, é fundamental atentar para o alerta pós-estruturalista acerca da menor eficácia desse conceito para exames em nível qualitativo ou individual, quando se torna importante atentar para os custos e as penalidades associadas à ocupação de posições específicas<sup>3</sup>. Penso que, assim refinado, o referido conceito oferece uma profícua via para o estudo do caso particular de Baltasar Coutinho, de quem já agora passo a tratar.

---

<sup>1</sup> Acerca do conceito de patriarcado, cf. Puleo (1995) e Walby (1990), entre outros.

<sup>2</sup> CONNELL, 2005, p. 79; traduzimos (“... *the advantage men in general gain from the overall subordination of women.*”)

<sup>3</sup> A esse respeito, cf. Whitehead, 2007, p. 467-468.

Bem sabemos que o fidalgo de Castro Daire é uma figura de especial relevo no elenco de antagonistas da obra camiliana, na qual emerge associado a Tadeu de Albuquerque, fidalgo de Viseu e pai de Teresa – para quem a união entre Simão e a filha parece inaceitável não apenas por conta das inimizades familiares, os tais “litígios” desfavorecidos por Domingos Botelho, mas também pelo já planeado propósito de concretizar o casamento por conveniência com o primo “senhor de casa, e igualmente nobre da mesma prosápia”<sup>4</sup>. Tudo isso está de acordo com costumes vigentes na sociedade portuguesa oitocentista, particularmente entre famílias da estirpe dos Albuquerque, interessadas na preservação do patrimônio familiar; a Teresa, jovem de respeitável linhagem, cabia compreender e perseguir os interesses de seus parentes. Como bem sabemos, isso é precisamente o que não ocorrerá: a condição excepcional da donzela, destacada pelo narrador camiliano em inúmeras e bem conhecidas digressões, ensejará uma obstinada resistência que, desde o primeiro momento, será recebida por Baltasar Coutinho como um insulto. E também isso, na verdade, é bastante compreensível.

Cabe considerar que o primo de Teresa não é, afinal, um sujeito qualquer: além de ser parente de Teresa, detém um invejável conjunto de privilégios como morgado de Castro Daire – algo que, evidentemente, desde o primeiro momento determina a sua conduta. Em primeiro lugar, veja-se a sua reação diante das esquivanças da prima em quem, desde o início, não desperta mais que aversão: interpretá-las como sinal de “modéstia, inocência e acanhamento”, antecipando “uma lenta, mas segura conquista”<sup>5</sup> significa atuar consoante a dinâmica própria da relação entre os gêneros consolidada pela ordem patriarcal, supondo a fragilidade da vontade feminina e, em decorrência disso, a vitória vindoura; a inicial condescendência, por conseguinte, tem um sentido deliberadamente estratégico.

Todavia, quando enfim Baltasar confronta Teresa, instigado por Tadeu, a inesperada pertinácia da jovem é lida como uma afronta pelo morgado, uma vez que abala decisivamente os privilégios que lhe são

---

<sup>4</sup> CASTELO BRANCO, 1981, p. 38.

<sup>5</sup> CASTELO BRANCO, 1981, p. 39-40.

conferidos pela posição que ocupa na sociedade patriarcal. A essa altura, o impertinente fidalgo já sabe o que nós sabemos: se Teresa o rejeita, é porque ama Simão Botelho; e há nisso um intolerável ultraje. Quem é, afinal, este Simão, capaz de deslocar para um segundo plano o morgado de Castro Daire? Não é Baltasar o parente favorecido pelos desígnios paternos, com quem podem realizar-se os interesses familiares; não é ele o pretendente ideal, senhor de casa? Como admitir que possa ser preterido por um jovem que sequer concluiu os estudos, que precisaria formar-se para sustentar Teresa – portanto, um reles estudante cuja má fama já se havia espalhado por toda a parte?

O desafio à autoridade e aos privilégios de Baltasar Coutinho provém, por conseguinte, não apenas de Teresa, mas também do pretendente por ela escolhido; em decorrência disso, uma disputa emerge na ordem social dos gêneros, mais precisamente nos domínios políticos da masculinidade. Se a tensão já eclode, em um primeiro momento, na celebração do aniversário da jovem, isso serve como etapa inicial em uma escalada de confrontos posteriormente descritos na narrativa: ao enfrentamento verbal entre Simão e Baltasar, segue-se o embate físico entre seus comparsas, com sérios custos para ambos os lados – Simão escapa com um ferimento que chega a sugerir a necessidade de uma amputação, logo descartada, e Baltasar perde dois criados, mortos por João da Cruz. Ultrapassados esses eventos preliminares, resta o decisivo confronto entre os dois contendores, às portas do convento de Viseu: um conflito que materializa o sentido essencial de um enfrentamento do qual apenas um poderá sair vivo, na supostamente honrosa posição daquele que ousou levar até as derradeiras consequências a afirmação de sua própria masculinidade.

O fatídico encontro é inadvertidamente propiciado por Teresa, que alerta Simão sobre a presença do primo – o que faz para solicitar que o amado, ciente dos riscos, não vá até o convento; Teresa não percebe, todavia, a premência do embate, cujo desenlace permanecia sobremaneira adiado. A dúbia reação do morgado, a princípio espavorido, mas logo afrontoso, ostensivamente espelha a conduta de um sujeito seguro de que seus privilégios seriam suficientes para obstar a presença do oponente; por

consequente, é previsível que Baltasar comece insultando o rival, alcunhando-o “infame assassino”, para depois exigir que abandone o local: “Já fora da minha presença!”<sup>6</sup>. Não havendo quaisquer sinais de recuo por parte do adversário, que em vez disso retruca com ofensas igualmente ríspidas, a disputa se configura como um franco confronto entre dois sujeitos masculinos para os quais importa, acima de tudo, sustentar a própria condição viril – o que, não obstante, demanda a eliminação do opositor na disputa pela mulher percebida como posse inalienável e inegociável. As injúrias à honra avançam, finalmente, para o breve epílogo que já conhecemos: Baltasar investe contra Simão, apertando-lhe a garganta, mas não tarda a cair aos pés de Teresa, com a fronte ferida por uma bala disparada pelo estudante.

Há aqui uma pergunta porventura impossível de responder: quem é o vencedor dessa cruenta luta nos domínios da masculinidade? Ao fim, nenhum dos contendores logrará possuir Teresa: não apenas a Baltasar, mas também a Simão, como prêmio restará o sepulcro – e ambos contribuirão de maneira decisiva para que seja esse o seu destino; com efeito, a sina do amado de Teresa parecerá mais nobre ou honrosa para o leitor de *Amor de perdição* que “romanticamente” enxergar na sua trajetória a inevitável sina de um sujeito disposto a tudo enfrentar por amor, isso se admitirmos que essa é, de fato, a motivação do protagonista camiliano<sup>7</sup>. Todavia, se investimos em uma reavaliação do conflito desde uma perspectiva que nele valorize os elementos de uma tensão própria da disputa entre masculinidades na ordem patriarcal, vemo-nos diante de algumas instigantes particularidades.

Avaliado dessa forma, o embate entre Simão e Baltasar ganha os contornos de um duelo entre duas configurações diversas da masculinidade, que determinam os diferentes propósitos que os levam à contenda: para o estudante de Coimbra, trata-se de lutar pela posse daquela que vê como sua devido a um afeto espontâneo, cujo consentimento imediatamente o alça à posição de único beneficiado em uma relação que não admite quaisquer outros postulantes; para o fidalgo de Castro Daire, trata-se de cumprir o que

<sup>6</sup> CASTELO BRANCO, 1981, p. 109.

<sup>7</sup> Aludo aqui às discussões em torno do caráter de Simão, que remontam à “notazinha problemática” publicada por António Sérgio (1951) e desde então vêm ensejando diversos textos no âmbito dos estudos sobre *Amor de perdição*; uma síntese dessa polêmica é apresentada por Jacinto do Prado Coelho (2001, p. 253-257).

determina a sua posição social, concretizando as pretensões familiares e correspondendo à confiança que nele deposita Tadeu de Albuquerque.

Nessa medida, ambos gozam dos benefícios provenientes do dividendo patriarcal, que é precisamente o que lhes permite ingressar nessa disputa pela posse de Teresa; não obstante, as consequências dessa disputa materializam os custos impostos por aquele mesmo dividendo – o que, para Baltasar Coutinho, imediatamente desencadeia um resultado fatal. Seria possível, para o morgado, encontrar um menos trágico destino? Sim, caso abrisse mão de seus próprios privilégios e renunciasse à disputa por Teresa – o que lhe permitiria não enfrentar Simão Botelho, mas acarretaria severas punições no tribunal da masculinidade, que decerto lhe concederia a pecha de covarde. Disposto a atender as exigências impostas pela ordem patriarcal, restou a Baltasar “morrer como um homem”: sujeitando-se ao seu sestro, traçando a sua sina.

## Referências

- CASTELO BRANCO, Camilo. *Amor de perdição*. Lisboa: Livros Horizonte, 1981.
- COELHO, Jacinto do Prado. *Introdução ao estudo da novela camiliana*. 3a. ed. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2001.
- CONNELL, R. W. *Masculinities*. 2ª. ed. Berkeley: University of California Press, 2005.
- PULEO, Alicia. Patriarcado. In: AMORÓS, Celia. *Diez palabras clave sobre mujer*. 4a. ed. Estella: Verbo Divino, 1995.
- SÉRGIO, António. Monólogo do vaqueiro ou notazinha problemática sobre o “Amor de perdição”. *Camiliana & vária*: revista-boletim do “Círculo camiliano”. n. 1. Lisboa, jan.-mar. 1951.
- WALBY, Silvia. *Theorising patriarchy*. Oxford: Basil Blackwell, 1990.
- WHITEHEAD, Stephen. Patriarchal dividend. In: FLOOD, Michael et alii. (eds.). *International encyclopedia of men and masculinities*. Oxon: Routledge, 2007.

Henrique Marques Samyn é professor Adjunto de Literatura Portuguesa na Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Sua pesquisa principal trata de produções literárias e artísticas do longo século, com ênfase nos estudos de gênero, a partir de uma perspectiva feminista. Desenvolve atualmente projeto de pesquisa sobre modos de produção do gênero feminino em Portugal no período romântico; paralelamente, mantém uma investigação, a longo prazo, acerca de modos de representação literários e pictóricos de sujeitos generificados, desde uma perspectiva diacrônica e transcultural, à luz da crítica

feminista. Doutor em Literatura Comparada, tendo concluído Pós-Doutorado sobre a poética de Almeida Garrett, é ainda bacharel em Letras; bacharel em Filosofia; mestre em Psicologia Social; e mestre em Filosofia Moderna e Contemporânea. Publicou textos críticos e literários em periódicos brasileiros e estrangeiros; atualmente, escreve para o jornal Rascunho (Curitiba-PR). Recebeu em 2014 o Prêmio Docência Dedicada ao Ensino Anísio Teixeira, sendo eleito pelos alunos do Centro de Educação e Humanidades da UERJ, por votação direta, o professor que mais contribuiu para a sua formação acadêmica. É pesquisador do Programa de Estudos Galegos (PROEG-UERJ) e membro do Grupo de Pesquisa “A Península Ibérica e a sua Inserção no mundo medieval e renascentista”, registrado no Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil (CNPq). E-mail: marquessamyn@gmail.com